

Esboço acerca da ideologia como inversão da determinação do real, em Marx

Sketch about ideology as inversion of determining the real, in Marx

Wellington Trotta

Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Docente da UNESA – Campus Cabo Frio

RESUMO: Este artigo tem por fim publicar alguns resultados obtidos quanto à investigação sobre o significado de ideologia na obra marxiana, por isso ele apresenta-se sob a forma de esboço, o que condiz com sua condição provisória. Assim, o texto ficou dividido em dois tópicos e uma pequena conclusão em que se apresentou crítica reflexiva em vez de um cansativo resumo sobre o que foi dito ao longo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Marx. Inversão. Hegel. Conhecimento.

ABSTRACT: This article aims to publish some results obtained on the research into the ideology of meaning in Marx's work, so it is presented in the form of an outline, which matches its provisional condition. Thus, the text was divided into two topics and a small conclusion, in which was presented a reflective critical rather than a hard summary of what was said during the work.

KEYWORDS: Ideology. Marx. Inversion. Hegel. Knowledge.

Introdução

Este artigo tem por fim publicar alguns resultados obtidos quanto à investigação sobre o significado de ideologia na obra marxiana, por isso ele apresenta-se sob a forma de esboço, o que condiz com sua condição provisória. Assim, o texto ficou dividido em

dois tópicos e uma pequena conclusão em que se apresentou uma crítica reflexiva em vez de um cansativo resumo sobre o que foi dito ao longo do trabalho.

No tópico 1, *Ideologia e inversão da determinação do real*, trata-se de analisar que a teoria do conhecimento na filosofia de Marx apresenta-se na concepção relacional entre sujeito e objeto. Essa preocupação com uma teoria do conhecimento no sistema marxiano é crucial porque, para Marx, a compreensão da realidade é a própria constituição do espaço em que os indivíduos erigem suas vidas. Nesse sentido, seu conceito de ideologia é fundamental porque explicita que os jovens hegelianos, na crítica a Hegel, não partem da realidade concreta e sim de devaneios subjetivistas, nisso consiste a ideia de que ideologia é um discurso místico e não científico.

O tópico 2, *A ideologia alemã como crítica efetivamente materialista*, retoma o conceito marxiano de ideologia e o aprofunda à medida que analisa a ideia de materialidade, partindo da crítica sobre os elementos da economia política, formulação teórica que Marx entende como representação da totalidade contemporânea marcada pelo modo de produção capitalista. Outrossim, a narrativa ideológica impede que os indivíduos tomem a realidade como tal e a encubram inconscientemente, ignorando que o *telos* do lucro se estende às relações sociais e a coisifica ao tomá-la como *campus* de combate, onde, para Aristóteles, deveria ser relação da vida nobilitante (Pol.1281a).

1 – Ideologia e inversão da determinação do real

O sistema marxiano só pode ser compreendido em sua profundidade caso se leve em consideração o conceito de ideologia formulado pelo autor de *O Capital*, pois essa perspectiva metodológica possibilita levantar o véu que encobre as relações sociais contemporâneas, marcadas pelo modo de produção capitalista cujos discursos de igualdade encobrem desigualdades, liberdade desvelada como servidão e trabalho transformado em mercadoria. Nesse sentido, Marx tem na crítica à economia política um sentido de totalidade, cujo escopo é analisar os princípios que regem a gênese e o desenvolvimento desse modelo produtivo constituído em organismo vivo, capaz de superar seus próprios limites de existência, ainda que seus melhores estudiosos observem nele elementos contraditórios.

Todavia, o que se deve entender por ideologia,¹ já que há muitos sentidos gravitando em torno desse conceito central do pensamento marxiano? Ao analisar a superestrutura na formação social capitalista, Marx apresenta o seu conceito de ideologia na obra *A ideologia alemã*, escrita por volta de 1846 em parceria com Engels, na qual critica os pensadores hegelianos. Segundo o formulador do materialismo histórico, “*estes filósofos só nos dão a história das representações, destacada dos factos e dos desenvolvimentos práticos que delas constituem a base*” (MARX-ENGELS, 1974, p. 52-53), isto é, tais filósofos analisam a ordem dos fatos ideologicamente, sempre “desligados” da esfera real, sua base material.

O termo ideologia originou-se da obra *Elementos de ideologia* (1801) de Destutt de Tracy, cuja proposta era formular uma ciência capaz de investigar a origem e o processo de formação das ideias nos homens sob a ótica mecânica, assim como a física estuda a natureza das partículas da matéria. No entanto, o sentido negativo do termo ideologia deriva de um discurso feito por Napoleão Bonaparte ao seu Conselho de Estado, acusando os ideólogos de construírem ideias desvinculadas da realidade concreta. Assim, Marx conservou o conteúdo negativo do termo ideologia a partir da crítica napoleônica aos seguidores de Destutt e o redimensiona como componente nuclear da superestrutura capitalista, empregando-o todas as vezes que uma dada ideia enseja a inversão da determinação do real, distorcendo o

¹ "O sensualismo iluminista, isto é, a doutrina – vinda da Inglaterra - segundo a qual as percepções sensoriais constituem a fonte legal e única do objeto legítimo de todo o conhecimento, estava secando e enrugando até se converter na França em credo das escolas filosóficas. Entre elas estava *L'Association des Ideologes* que, no início do século XIX, teve suas reuniões em Auteuil, que se ocupava principalmente de investigar a sucessão, associações, atrações e repulsões das percepções, ou seja, em suma, de suas múltiplas relações condicionadoras. Também investigavam a dependência das ideias entre si e com relação aos processos fisiológicos do corpo humano: a vida intelectual deve ser explicada como uma representação mecânica, em que a filosofia iria ascender ao posto de ciência exata. A filosofia teria que investigar, experimentalmente, os elementos da consciência, de igual modo que faz a física com a mecânica de partículas materiais; se tornaria uma disciplina especial que tentaria apreender o espírito seguindo o padrão das ciências naturais: em uma ciência natural do espírito [...] E, posteriormente, a palavra ideologia no sentido de espírito ou intelecto tomadas em sua dependência de processos materiais grosseiros - um dos fundadores da escola, Destutt de Tracy, que caracteriza a doutrina da ideologia como uma parte da zoologia, desempenhou um papel na terminologia científica e política" (HORKHEIMER, 1966, p. 5). Tradução do autor.

objeto por meio de mistificações ilusórias, ocultando suas contradições efetivas (ALVES FILHO, 2000).²

Segundo Marx, a ideologia é uma suposta construção cognitiva que falseia a determinação do real, uma consciência ilusória que se produz através de mecanismos pelos quais *objetificam-se* certas representações como fossem verdadeiras. Ao criticar a ideologia como forma invertida da determinação do real na experiência concreta dos homens, constituindo, por assim dizer, uma fonte de ilusões permanentes, Marx assevera que os verdadeiros problemas da humanidade não são as ideias errôneas, mas as contradições sociais reais não percebidas que forjam, conseqüentemente, as concepções equivocadas tidas como verdadeiras, impossibilitando separar *doxa* de *epistheme*. Logo, não podendo resolver os problemas concretos, os homens tentam solucioná-los sob a forma ideológica, isto é, no plano abstrato, encobrindo as contradições do mundo concreto sob as reproduções das formas de pensar dominantes. Logo, os homens são dominados pelas representações que eles mesmos constroem, e, nesse caso, os ideólogos interpretam o real diferentemente do modo como esse mesmo real está posto porque, ao não se submeterem aos fatos objetivamente, “*põem tudo às avessas*” (MARX-ENGELS, 1974 p. 98).

A ideologia, ao impedir a criticidade, faz com que o homem não perceba o processo de coisificação pelo qual passa. Isso quer dizer que os indivíduos são vítimas das inversões produzidas pela ideologia. Como o pensamento dominante é uma construção da classe que dispõe dos meios de produção material, e essa classe traz consigo uma consciência de si como produto direto de suas experiências históricas, sendo estas, por sua vez, também elaboradas sob *premissas às avessas*, aqueles que estão submetidos ao pensamento dominante não percebem que suas opiniões não são produtos de uma reflexão crítica, mas apenas uma reprodução eivada de sofismas, embora as considerem isentas, portanto logicamente congruentes. O processo ideológico cria um sistema de mistificações no qual os homens não

² A ideologia tem como função precípua, segundo leitura marxiana da realidade, construir a distorção do estado de consciência do operário que o leva a submissão de classe, isto é, toma os valores da classe dominante como se fossem universais e necessariamente válidos. Essa postura retira do operário a capacidade de crítica sobre suas condições existenciais, perpetuando, assim, o seu *status* de coisa, de mercadoria na dinâmica do capitalismo. Por conta disso, a ideologia pode ser pensada, também, como um discurso que ao organizar as formas de pensar, dita o ritmo da realidade.

percebem o engano de suas próprias opiniões. Têm-nas como verdadeiras, independentemente de serem factíveis ou puras construções subjetivistas. Dessa forma, considerando os equívocos como resultantes, pode-se ponderar que, conforme acentua Marx:

Em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é apenas o resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objectos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida directamente físico (MARX-ENGELS, 1974, p. 25-26).

Conforme este ponto de vista, e estendido ao ideário econômico de sua época, o pensamento de Marx se diferencia das elaborações teóricas dos representantes da economia política clássica em razão de sua investigação basear-se na produção social dos homens, e não nas formas ideais e imaginárias produzidas pela consciência invertida de si. A teoria marxiana procura situar o homem no próprio mundo, pois, ao contrário dos economistas clássicos, para Marx, não existe uma lei universal da economia, uma vez que cada regime econômico engendra suas leis, e as leis econômicas³ de cada regime expressam as relações sociais que definem determinado modo de produção. Dessa forma, a lei do capitalismo é a busca incessante da mais-valia como elemento de sua manutenção (HORKHEIMER, 1966, p. 22).

Nesse sentido, entende-se que, sendo o lucro como lei essencial de si, a propriedade privada dos meios de produção no capitalismo constitui-se como instrumento nuclear do pressuposto de sua validade. Portanto, é preciso compreender o conceito do mecanismo da produção capitalista como um processo de troca sistemática de mercadorias porque, ao entendê-lo, nos apropriamos do princípio ético da sociedade contemporânea que, ao produzir no universo econômico a mais-valia como *thelos*, termina por reproduzi-

³ “O raciocínio é totalmente digno do homem que primeiro declarou as relações de produção capitalista como leis eternas da Natureza e da razão, cujo jogo livre e harmônico somente seria perturbado pela intervenção do Estado, para depois descobrir que a influência diabólica da Inglaterra no mercado mundial, uma influência que, ao que parece, não decorre das leis naturais da produção capitalista, torna necessária a intervenção do Estado, a saber, a proteção daquelas leis da Natureza e da razão pelo Estado, aliás, o sistema protecionista” (MARX, 1985b, p. 148).

la nas relações sociais como um conjunto de valores coisificantes. Essa análise feita por Marx ao longo de suas pesquisas ressalta a produção de mercadorias como elemento propulsor desse sistema. Assim, a grande tragédia do mundo contemporâneo é o homem-coisa sem consciência de si, que ignora o trabalho como único elemento quantificável na mercadoria, cuja produção e adoração determinam-se como produto demandado socialmente. Marx, ao analisar as condições do trabalho alienado e a propriedade privada, afirma nos *Manuscritos econômico-filosóficos* que o “*trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz [...] O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria*” (MARX, 2006, p. 80).

Marx afirma, ainda, que o sentido de alienação tem sua origem na vida econômica, porquanto o operário, ao vender sua força de trabalho, não toma parte do produto de si mesmo que, ao ir além dele, operário, passa a pertencer, estranhamente, ao mundo do lucro, do qual ele é excluído. Por sua vez, essa exclusão impõe ao operário o desconhecimento das forças que operam no modo de produção capitalista que, promovendo nele o esquecimento de si mesmo, produz também uma consciência distorcida da realidade na qual está inserido. Logo, essa não consciência do trabalhador é o resultado de mecanismos que ensejam sua alienação diante do real, separando propositalmente o produtor de sua produção. Define-se esse particular pela “categoria” fetichismo, segundo a qual o trabalhador toma a mercadoria como uma realidade autônoma, dominando a própria subjetividade que permeia as relações sociais (MARX, 1985a, p. 71). O fetichismo se mostra na reificação do homem e na humanização da mercadoria, ou seja, “*o trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria*” (MARX, 2006, p. 80).⁴

Para Marx, conforme os *Manuscritos de 1844*, o trabalhador, ao tornar-se mercadoria no modo de produção capitalista, se distancia mais de si enquanto ser real para configurar uma existência estranha, alienada de suas potencialidades como indivíduo virtualmente inteligente em uma ordem social que tenha o homem como centro da vida. Essa alienação resulta da relação do trabalhador com sua

⁴ O fetiche da mercadoria é uma descoberta importante feita por Marx, porque dele deriva a condição de alienação do trabalhador no capitalismo, isso em razão das relações de trabalho estarem encobertas.

atividade laborativa, pois no processo de trabalho ele se vê fora de si como um ser estranho (MARX, 2006, p. 83). O trabalho, que em si mesmo é uma produção espiritual, torna-se, no capitalismo, o sepulcro do ser humano. Ao se asseverar que a ideologia é o elemento conceitual central no pensamento de Marx, alude-se à tese de que nela reside sua teoria do conhecimento, cuja preocupação é investigar como se deve pensar a partir de uma filosofia que supere as *aphorías* do idealismo alemão, além de construir novos parâmetros epistêmicos para a história.

2 – A ideologia alemã como crítica efetivamente materialista

É relevante destacar que, no ano de 1846, Marx efetua um giro teórico, desenhando nova postura crítica através do materialismo que elabora a partir das contribuições de Feuerbach. Em *A ideologia alemã*, Marx certifica-se de que a filosofia dos hegelianos de esquerda é um amontoado de abstrações dogmáticas que expressam plenamente o que se pode entender por ideologia: a inversão da determinação do real pelas interpretações puramente descoladas da realidade, puras impressões arbitrárias pensadas à maneira de análises rigorosas da dimensão concreta alemã, isto é, pseudorealidade (KORSCH, 2008, p. 55). Desse momento em diante, Marx está seguro de ter elaborado uma metodologia de pesquisa que não se baseia em interpretações discricionárias, mas explicações de cunho científico em que os dados de fato são extraídos da observação sobre o real concreto, de modo que o sujeito, como observador, não impõe ao objeto um sistema de operações puramente subjetivas pela influência do qual o objeto deixa de ser real para ser ideal. Logo, a existência determina a consciência social em virtude de sua concretude. Nesse sentido, para Antonio Labriola:

Nossos objetivos são unicamente a expressão teórica e a explicação pacífica dos dados que nos oferece a interpretação do processo que se cumpre através de nós e em torno a nós; e que está inteiro nas relações objetivas da vida social, da qual somos sujeito e objeto, causa e efeito, escopo e parte. Nossos objetivos são racionais, não porque se fundamentam em argumentos extraídos da razão da discussão, mas porque são deduzidos da consideração objetiva das coisas; o que equivale dizer que são deduzidos a partir da elucidação do seu processo, que não é nem pode ser resultado de nosso arbítrio, mas, ao

contrário, vence e submete nosso arbítrio (2005, p. 92).

Segundo o entendimento do autor, a racionalidade da qual os marxistas partem é da análise objetiva da realidade e não de sua subjetivação por conta da arbitrariedade do sujeito, pois os objetos reais são independentes de nossas experiências. Mediante as considerações de Labriola, para Marx, as premissas de que *“partimos não constituem bases arbitrárias, nem dogmas; são antes bases reais de que só é possível abstrair na imaginação. As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua acção e as suas condições materiais de existência”* (MARX-ENGELS, 1974, p. 18).

Conforme esse postulado, Marx elege o plano das relações sociais entre os homens e suas condições objetivas de existência (materialidade) como princípio do qual tem que partir, necessariamente, para qualquer análise sobre os problemas que envolvem os indivíduos. Esse princípio metodológico toma a análise empírica como condição elementar para compreender a realidade como objeto que o sujeito deve apreender com o intuito de lhe descobrir as propriedades intrínsecas. Assim, *A ideologia alemã* é inflexão poderosa no pensamento de Marx porque, doravante a história e para Engels, *todas as ciências que não são naturais são históricas* (1977, p. 306), passa a ser reconhecida como única ciência do espírito sob a orientação da dialética materialista que constitui o núcleo epistêmico do pensamento marxiano. Nesse caso, torna-se, difícil situar em que campo gnosiológico Marx se encontra, pois, como ele mesmo afirma, *“a história deixa de ser uma coleção de factos sem vida, como a apresentam os empiristas, e que são ainda abstractos, ou a acção imaginárias de sujeitos imaginários, como a apresentam os idealistas”* (MARX-ENGELS, 1974, p. 26).

Todavia, não se receia em afirmar que Marx é um racionalista que rejeita o inatismo e o *a priori*, ao mesmo tempo em que se apropria do empirismo quanto à relevância do objeto como ponto central da pesquisa que pretende realizar, sem, no entanto, elevar o objeto ao primado da substancialidade do conhecimento, olvidando o indivíduo que possui a capacidade de pensar e conhecer o objeto. Marx, como racionalista, é herdeiro da tradição hegeliana, cuja dialética não só consiste em um método como também assume a lógica do sistema de pensamento. Logo, a dialética (διδασκαλία), conforme a estrutura teórica de Marx, constitui a lógica e a teoria do

conhecimento concomitantemente. Nesse caso, de acordo com Pável Kopnin:

É o estudo da estrutura dos meios de demonstração, do surgimento e evolução de uma teoria científica [...] A lógica não deve estudar algum pensamento correto, conhecido de antemão, mas o movimento do conhecimento humano no sentido de verdade, desmembramento deste, formas e leis em cuja observância o pensamento atinge a verdade objetiva. E uma vez que o conhecimento aumenta sem cessar, mudando quantitativamente e qualitativamente, o campo lógico se enriquece com um novo conteúdo incorporando novos elementos (1978, p. 21).

A constituição do pensamento de Marx por volta de 1846 apresenta-se como uma guinada para o plano científico, uma vez que a filosofia esgotara-se com Hegel e fica mutilada pelas especulações dos jovens hegelianos (inclusive, com a filosofia do coração de Feuerbach), insistindo na concepção de que a realidade é um objeto puramente afetado pela consciência. As linhas acima, extraídas de Kopnin, ajudam a compreender toda crítica que Marx elabora ao pensamento filosófico de sua época, visto que a busca da verdade não pode ser aleatória, ignorando o plano lógico como exame das relações sujeito-objeto e a estrutura de pensamento que pode certificar-se da verdade como elemento objetivo. De acordo com esse entendimento, Kopnin contribui para que se veja, em *A ideologia alemã*, uma edificação lógica do pensamento de Marx que aponta a história como ciência do homem, tornada a totalidade do discurso coerente-objetivo em que a verdade é desencoberta por força do raciocínio evidenciar o objeto, separando o que é imaginário-abstrato daquilo que se encontra no plano fático com suas leis apreendidas pelo sujeito que enxerga o objeto em si.

A ideologia alemã atende as exigências reclamadas por Plekhânov (1989), já que a história apresenta o homem como ser social para o qual os elementos materiais de subsistência fazem parte da realidade como forma de satisfazer necessidades, e, por conta disso, devem ser produzidos e consumidos. Eis, portanto, a dimensão material dos bens que selam a imediatez da vida retratada pela economia política. Entretanto, Marx não a tem como verdade, pois a trata criticamente, visto que retrata o pensamento econômico burguês como mais uma forma de expressão ideológica.

Os resultados econômicos a que Marx chegou com Engels em *A ideologia alemã* ainda são insuficientes diante do pensamento clássico da economia política, mas suficientes na medida em que relacionam história e produção de bens à vida material dos indivíduos. Esse texto singular é um grande laboratório do pensamento de Marx. Nele encontra-se o esgarçamento de Marx com a filosofia voltada para si mesma como escolástica e não como forma de pensar a realidade e busca da verdade. Marx, pelo contrário, fará uso dos conhecimentos que tem no âmbito filosófico para alumiar sua crítica à economia política à medida que a analisa historicamente. Aliás, para ele o homem como ser social é um retrato de suas condições objetivas determinadas historicamente. Logo, não há leis economicamente eternas, mas princípios determinados no processo das relações sociais historicamente delineadas. Se Marx compreende que a produção de mercadorias marca o intercâmbio entre os homens como linguagem da vida real, o que a seu turno influenciará na própria formação da consciência dos homens, essa mesma produção de bens está diretamente ligada à produção de ideais, assim concluindo que a história desvela o segredo da vida real: a produção do humano a partir de sua própria produção material.

Acertadamente Kopnin assevera que *a lógica não deve estudar algum pensamento correto, conhecido de antemão, mas o movimento do conhecimento humano no sentido de verdade, desmembrando deste, formas e leis em cuja observância o pensamento atinge a verdade objetiva*. Ora, essa concepção de verdade objetiva é justamente tomar o sensível como atividade dos homens em sociedade, sendo que essa atividade situa-se no campo da produção material que se desdobra ainda na produção intelectual do homem. Por isso, para Gerd Bornheim, *“a superestrutura não tem propriamente história, ela não se desenvolve. De modo próprio, o que tem história e se desenvolve é a produção material e o comércio material. Todo o resto não passa de aparência de história”* (1977, p. 200). Essa aparência faz pensar que as ideologias tidas como verdades são produções descoladas da vida real como pensam aqueles que tomam a consciência como um plano fora da linguagem.⁵

⁵ Segundo alguns autores, o materialismo dialético, não o materialismo histórico, ao fazer a crítica da filosofia tradicional, da metafísica, identifica a ideologia como uma compreensão da realidade que tem dois objetivos principais: primeiro, expressar o interesse de classe e segundo, na sociedade burguesa, como expressão dos interesses dominantes, se apresentar como portadora de uma verdade universal e necessariamente

A grande contribuição teórica de Marx, no que diz respeito à teoria do conhecimento, está justamente na elaboração de sua tese sobre o significado de ideologia como estrutura pré-científica das condições objetivas de possibilidade do conhecimento. Essa tese, posta em *A ideologia alemã*, define as linhas-mestras do pensamento de Marx como um marco importante dentro da história da filosofia, destacando sua oposição às elaborações metafísicas e, em especial, à filosofia crítica dos jovens hegelianos que inverteu a realidade em favor da especulação.

Contudo, para Mikhail Bakhtin, “*tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo*” (2010, p. 31). Destarte, pode-se aventar a hipótese de que a ideologia, ao mesmo tempo em que se constitui como obstáculo, por outra pode ser a chave para entender porque os homens têm tantas opiniões sobre um mesmo problema. Talvez essas opiniões não tenham por dificuldade a estrutura do objeto, mas empecilhos existentes nos homens a partir não de sua natureza cognoscente, mas em razão do conjunto de suas condições materiais-espirituais, ou seja, mais no modo de observação do que na coisa; pelo jeito, o diferencial se encontra no olhar que, para Marx, está diretamente influenciado pelo conjunto das condições de vida que promovem a compreensão de mundo por parte dos indivíduos. Aqui se posiciona a objetividade em oposição ao subjetivismo das opiniões que não se submetem às evidências e admitem tudo como possível, pois, não havendo o verdadeiro, restam apenas possibilidades, isto é, *ser* e *não-ser* ao mesmo tempo se confundem.

Entretanto, a presente reflexão acerca do *objectus* para a teoria de Marx possibilita entender que a elaboração teórica do objeto pode ser reconstruída na medida em que ele desvele-se como uma realidade plena, ainda que contrariando as primeiras impressões do indivíduo, pois o objeto existe independente do indivíduo ao mesmo tempo em que só este pode conhecê-lo pela *práxis* na relação indivíduo-objeto como causalidade do conhecimento. Logo, o pensamento de Marx, a partir da lógica dialético-materialista, apresenta-se como um sistema teórico em que a história é vista como

válida. A grande contribuição teórica extraída do materialismo dialético é a compreensão de que a ideologia se faz num discurso cujo real é subsumido pela inversão da determinação do real.

estrutura em que os indivíduos se desenvolvem pela dialética da luta de classes, partindo do indivíduo alienado que vende sua força de trabalho até a condição de livre produtor ao romper com o modo de produção capitalista, à medida que historicamente o trabalho supere o reino da necessidade (MARX, 1991, p. 942).

Conclusão

A tarefa da filosofia é servir de conteúdo reflexivo para uma ação contundente em razão das necessidades prementes dos indivíduos. Logo, a filosofia tem por fim educá-los na reflexão e compreensão para o propósito de libertar o homem concreto do homem abstrato, ilusório. A ideologia como *categoria epistêmica*, segundo o pensamento marxiano, é inconsistente, pois ela deve ser entendida como forma ilusória de pensar a realidade, porque não a toma por si mesma, mas a inverte.

Um aspecto relevante, a partir da crítica à ideologia como atenta análise das condições objetivas do conhecimento, permite a Marx compreender a economia política como um aparato teórico de falsa verdade que simplesmente se presta a justificar o modo de produção capitalista, considerando que o seu suposto estatuto epistêmico é uma ilusão por não ser ela uma ciência que separe a aparência da essência, mas, isto sim, ilude por meio dos seus ideólogos, com um conteúdo não explicativo, diversamente do que toda ciência deve fazer. A descoberta de Marx demonstra que a economia política é apenas um discurso e bem menos que um aparato científico, pois mascara a realidade transformando categorias históricas em universais e atemporais. Assim, a economia política apresenta um rol de pressupostos absolutos, forjados na ilusão ideológica pela qual o valor de uso submete-se ao valor de troca.

Assim, considerando que o capitalismo constitui-se como um modo de produção no qual o vértice sistêmico é a mais-valia, cujo fim é a busca do capital pelo capital, que se reproduz constantemente pela apropriação do excedente no processo de trabalho, pode-se imaginar as implicações de ordem ética que esse afã provoca no mundo social ao materializar-se como princípio alimentador do sistema, no qual todos estão submersos pelo manto ideológico da naturalidade da exploração do trabalho. Por isso, Marx sustenta que o fetichismo é um mecanismo que oculta as relações de trabalho no processo de produção da mercadoria, porquanto na mercadoria só vemos sua exterioridade,

atribuindo-lhe um valor autônomo que não é derivado do processo de trabalho, que define o homem como ser específico e criativo.

A descoberta de Marx no que diz respeito à relação entre homens e mercadorias é que estas, no modo de produção capitalista, ocupam o lugar daqueles como efetividade humana. Isso significa dizer que as mercadorias, vivificadas, relacionam-se entre si, substantivamente no marco da vida real, ao passo que os homens, coisificados, povoam o imaginário metafísico como entes despersonalizados. Portanto, pensar na ideologia como conceito nuclear do pensamento de Marx consiste em articular os demais conceitos sob a égide de uma totalidade que repense o homem pela raiz e o recoloque na esfera humana, redimensionando o mundo da produção de fundamental em acessório. Assim, as mercadorias voltam às prateleiras e são consumidas por aqueles que outrora portavam-se como seus objetos.

Referências Bibliográficas

ALVES FILHO, Aluizio. “*A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia*”. In *Revista Comum*, vol. 5, nº 15 - Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2000.

BORNHEIM, Gerd A. *Dialética: teoria e práxis*. Porto alegre: Ed. Globo, 1977.

ENGELS, F. À Contribuição à crítica da Economia Política de Marx. p 304-320. In: MARX, K e ENGELS, F. *Textos*. Vol. III. SP: Editora Alfa-Omega, 1977. Tradução Almir Matos.

HORKHEIMER, Max. *La función de las ideologías*. Madrid: Taurus Ediciones, 1966, Cuadernos Taurus. Traducción de Victor S. de Zavala.

LABRIOLA, Antonio. Em memória do manifesto comunista. p 87-135. In: *Manifesto comunista*, SP: Boitempo, 2005. Tradução de Álvaro Pina.

MARX, K. E ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Lisboa: Editorial Presença, 1974 [a]. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira.

_____. O capital. In: *Os economistas Livro 1 Tomo 1* . SP: Nova Cultural, 1985 [a]. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe.

_____. O capital. In: *Os economistas* Livro 1 Tomo 2. SP: Nova Cultural, 1985 [b]. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe

_____. O capital. Rio de Janeiro Livro 3 Vol. VI: Bertrand Brasil, 1991. Tradução de Reginaldo Sant'Anna.

_____. *Manuscrítos econômico-filosóficos*. SP: Boitempo, 2006. Tradução de Jesus Ranieri.

KOPNIN, Pável V. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. RJ: Civilização Brasileira, 1978. Tradução de Paulo Bezerra.

KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. RJ: Editora da UFRJ, 2008. Tradução de José Paulo Neto.

PLEKHÂNOV, G. *Os princípios fundamentais do marxismo*. SP: Editora Hucitec, 1989. Tradução de Sônia Rangel.